

A HIPÓTESE DA FORMAÇÃO (BILDUNG) COMO PRESSUPOSTO À TAREFA DE “TORNAR-SE O QUE SE É” EM NIETZSCHE¹

Jonas Faccin²

Prof. Dr. Gelson João Tesser³

48

RESUMO - Este trabalho de pesquisa tem como objetivo evidenciar o pensamento de Friedrich Nietzsche diante de suas primeiras reflexões acerca da Educação, algo que está diretamente ligado ao tema da Formação (*Bildung*) como primeiro pressuposto ao homem na tarefa de “tornar-se aquilo que se é”. Para tanto, destacam-se os ideais anunciados pelo filósofo em sua juventude, o que necessariamente remete-o à sua crítica aos estabelecimentos de ensino alemães de sua época, na intenção de evidenciar o grave erro na ação desses estabelecimentos, acusados de distanciar o ensino da própria vida.

Palavras-chave: Formação, Bildung, Nietzsche.

ABSTRACT: This research aims to show the thought of Friedrich Nietzsche before his first reflections on education, something that is directly connected to the theme of Formation (*Bildung*) as the first assumption to man the task of “becoming what one is”. To do so, highlight the ideals announced by the philosopher in his youth, which necessarily leads him to his criticism of the German educational establishments of his day, with the intention of highlighting the serious error the action of these establishments, accused of distance education of life itself.

Keywords: Training, Bildung, Nietzsche.

1 O artigo apresenta as reflexões do segundo capítulo da dissertação final apresentada no curso de Especialização em Filosofia da Educação, da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Gelson João Tesser.

2 Professor de Filosofia no Ensino Médio

3 Professor Associado I da Universidade Federal do Paraná

Ao detectar a necessidade de uma mudança cultural na Alemanha, o que posteriormente estender-se-ia a toda Europa, Nietzsche percebera que qualquer modificação na cultura deveria partir de uma reestruturação radical da educação, em todos os seus aspectos. Com o destaque ao termo “*Bildung*”⁴ em seus escritos, Nietzsche pretendeu resgatar o sentido mais profundo do termo, justificado àquilo que denominou como a nobre tarefa do homem, qual seja, engajar-se “[...] ao movimento do ‘tornar-se o que se é’, ou seja, ao movimento de constituição da própria identidade” (WEBER, 2011, p. 50).

Segundo (JAEGER, 1995, p. 13), “a palavra alemã “*Bildung*” (formação, configuração) é a que designa do modo mais intuitivo a essência da educação no sentido grego e platônico”. O que comprova que o jovem Nietzsche percebera nas concepções gregas a grande possibilidade de transformação cultural alemã, algo que necessariamente o fez abordar o tema da Formação (*Bildung*) e com ela o que seria o impulso para as mudanças de tendências culturais que enfraqueciam o homem. Ao voltar-se para os gregos e deles tomar o profundo sentido daquilo que se compreendia como “Formação”, Nietzsche identificara na “*Bildung*” bem mais que uma simples referência etimológica, mas o grande sentido para qualquer mudança pretendida culturalmente, e, neste caso, qualquer modificação pretendida pela educação, fonte para o cultivo de um tipo mais elevado de homem anunciado por ele como “*Unicum*”.

Sendo assim, o que é posto em jogo para Nietzsche

[...] é a própria intensificação e o aprofundamento da imagem autoconstitutiva do sujeito moderno e das instituições culturais modernas, como, por exemplo, aquela gestora da formação, a Universidade (WEBER, 2011, p. 54).

Entretanto, como Nietzsche caracteriza/orienta esta autoconstituição do homem mesmo a partir da tarefa do “tornar-se o que se é”? Segundo Viesenteiner, enquanto “*Bildung*”,

4 Em “Formação (*Bildung*), educação e experimentação em Nietzsche”, José Fernandes Weber aborda três modelos de “*Bildung*”: a que se refere ao clássico, romântico e ao trágico. Em suas concepções, Nietzsche pretendeu mostrar que a “*Bildung*” ligada ao trágico se sustenta como o verdadeiro sentido existencial para os gregos, e é justamente aquela que não deve deixar esquecer que todo processo de formação que se preze não pode fazer o homem desviar-se do reconhecimento de sua existência trágica no mundo.

[...] formar um homem pressupõe, neste caso, configurá-lo a partir de um horizonte de compreensibilidade do humano, cujo horizonte será aquele através do qual a formação deveria se orientar. Além disso, esse horizonte de formação também tem de estar de tal modo em abertura, a fim de ser igualmente possível seu contínuo deslocamento (VIESENTEINER, 2013).

Ao pensar numa reerguida cultural alemã, Nietzsche percebera que o que poderia mover a modernidade a este empreendimento seria apenas uma educação que formasse para um tipo de homem forte, superior, comprometido com a própria existência, pois pertencente ao processo de formação que o coloca naquele horizonte de compreensão do humano.

Segundo a constatação de Sobrinho,

[...] esta nova educação pressupõe que a vida somente está justificada como fenômeno estético, como formação de si, como cultura, como empreitada de destruição/construção... De fato, para Nietzsche, a educação significa antes de qualquer coisa a autoformação, um objetivo que extrapola certamente as esferas de atuação dos estabelecimentos de ensino e que faz da cultura uma atividade para toda a vida (SOBRINHO, 2011a, p. 46).

Neste sentido, formar adquire um significado muito mais expressivo e fundamental que apenas a simples instrução. Segundo Nietzsche, o empenho para a atividade da formação de si seria o mote ao impulso de mudanças culturais necessárias, algo que em termos de formação pressupõe colocar-se no movimento dos espíritos superiores, pois o ensino, segundo o filósofo, consiste no cultivo das individualidades superiores, que por sua vez depende da relação com a Formação (*Bildung*), justamente porque esta “implica todo o ser do ser humano”. (WEBER, 2011, p. 109.)

Assim, para empreender uma crítica em torno da cultura e anunciar a necessidade de mudanças radicais, Nietzsche identificou na Alemanha características culturais que desfavoreciam o surgimento de um tipo superior, sobretudo pelas tendências que controlavam a educação, tratada como mero produto de uma cultura decadente.

Ora, que características percebeu Nietzsche que o levaram ao anúncio de uma necessária destruição/construção da cultura? Como entender esta (re)

construção cultural como lugar privilegiado para o nascimento deste homem superior, este “*Unicum*”? Ou ainda, qual seria a finalidade de um tipo de homem superior em vista de uma cultura superior? A compreensibilidade de tais questões possibilita o entendimento às duras críticas de Nietzsche às tendências culturais que dominavam o pensamento alemão.

Mediante a aproximação ao espírito dos gregos, Nietzsche empreendeu um projeto muito maior que apenas uma abordagem estética. Em seus escritos de juventude, que contemplam mais explicitamente sua relação com os gregos, assim como ao pensamento de Schopenhauer e às ideias de Wagner, é possível perceber “a vinculação entre *Bildung*, a estética e a teoria da cultura”. (WEBER, 2011, p. 167.) Após o “Nascimento da Tragédia”, obra em que atesta a ligação do trágico ao dionisíaco, Nietzsche se deteve a uma crítica profunda e radical da educação alemã, ao passo de uma profunda crítica às tendências culturais dominantes da época.

Com essa crítica radical à cultura e fundamentalmente à educação, Nietzsche visava atingir duas tendências centrais de sua época que, segundo ele, tornavam o homem demasiado fraco e incapaz de mudar a situação em que se encontrava. Sua crítica estava direcionada ao caráter científico que se instaurava, bem como àquilo que identificou como falsa vivência erudita.

Em relação à primeira tendência, Nietzsche criticara a forte atividade científica, que se estabelecia como padrão de conhecimento constituído. Segundo a afirmação de Giacoia, o cientificismo sustentava-se

[...] por uma confiança ingênua nas ideias de evolução e progresso lógico ou natural, no curso dos quais a humanidade teria alcançado um estágio de desenvolvimento em que estaria em condições de, humanizando a natureza e racionalizando a sociedade, aproximar-se do ideal da felicidade universal. (GIACOIA, 2000, p. 31.)

Quanto à segunda tendência ao enfraquecimento, Nietzsche criticara aspectos culturais alemães que valorizavam uma forma erudita que considerava-se intelectual, mas que segundo o filósofo, representava uma forma de burocracia e esterilidade “[...] que em nome de uma pretensa neutralidade científica, se mantinha numa posição de distância em relação aos interesses concretos do povo, às necessidades e urgências da vida.” (GIACOIA, 2000, p. 31.)

A aproximação de Nietzsche ao espírito da Grécia Antiga o conduziu justamente à contraposição dessas tendências culturais que dominavam os

ideais de muitos pensadores e cujo objetivo era controlar todo pensamento da época, fosse ao âmbito filosófico, artístico, científico, religioso, moral ou político.⁵ Mas no espírito grego Nietzsche buscou aquilo que para ele próprio era necessário a toda modernidade, qual seja essa busca, o renascimento do espírito trágico em contraposição ao espírito científico da modernidade.

Ora, se “[...] a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético” (NIETZSCHE, 2007, p. 16), assim como a tragédia, que teve início pelo espírito da música, – arte por excelência – em “O nascimento da Tragédia”, Nietzsche deixou evidente que seria pela música e, muito particularmente as advindas de Wagner, que deveria acontecer uma transformação cultural baseada justamente ao sentido de uma “restauração da cultura trágica, no mesmo espírito em que esta florescera entre os gregos, embalada por um senso artístico notavelmente desenvolvido e por uma postura corajosa perante o drama da existência”. (GIACOIA, 2000, p. 32.) Nietzsche identificara uma semelhança entre o momento histórico e cultural dos gregos no período do nascimento da tragédia à situação da Europa no século XIX.

Nesse caso, se seu mestre e inspirador Schopenhauer tinha razão em afirmar que o mundo era regido essencialmente por uma Vontade, livre de toda finalidade, de metas, e cujo sentido era assumir a totalidade da vida diante do dilaceramento da existência, esta não precisaria mais ser ilusoriamente consolada, algo que ao longo da tradição sustentou-se, sobretudo pelo fato de que “a ciência, a religião e a moral seriam capazes de responder à eterna pergunta pela razão de ser e pelo sentido da existência humana no mundo”. (GIACOIA, 2000, p. 32.)

A necessária virada de pensamento da cultura alemã perante suas dilacerantes tendências estaria unilateralmente ligada à necessidade em assumir a existência como condição trágica, o que pressupunha tendências à formação do homem forte, aquele inconformado com tendências ao rebaixamento, ao enfraquecimento de si mesmo; aquele que pretendia tornar a reerguida perante o drama da existência uma necessidade humana. Neste caso, os escritos nietzschianos, “Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino” e “Schopenhauer Educador”, representarão “[...] um último momento de pertença temática de Nietzsche às discussões sobre o renascimento do espírito alemão na sua relação com a Grécia [...]”. (WEBER, 2011, p. 124.)

5 GIACOIA, 2000, p. 32.

Assim, tanto em “Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino” quanto em “Schopenhauer Educador”, todas as discussões acerca do binômio cultura/educação estarão vinculadas à necessidade do renascimento do espírito trágico-dionisíaco, e é por este motivo que em Nietzsche “a educação está longe de ser totalmente instruir e informar; mas é, sobretudo, fazer despertar os sentidos para a elevação da cultura, quer dizer, afirmar a vida e o mundo na sua tragicidade”. (SOBRINHO, 2011a, p. 45.)

Todavia, é interessante notar que esta atitude de afirmação da vida e do mundo enquanto tragicidade, de maneira alguma pressupõe uma inabalável confiança no processo educacional, antes, tem como objetivo colocar em questão todos os seus fundamentos e ações.

Não obstante, todas as concepções sobre educação – parte essencial de uma cultura – deveriam sofrer questionamentos, sobretudo porque, segundo Nietzsche, as escolas alemãs de sua época agiam sob a mera preocupação de formar especialistas, homens distantes de toda reflexão crítica e, por isso, incapazes de assumir sua existência, além do que, toda cultura vigente pretendia formar para a dependência e domínio ao Estado. Diante de uma situação de conformismo cultural, Nietzsche percebeu que aos jovens faltava mais que meras instruções técnicas, mas era emergente uma educação enraizada naquilo que fundamentalmente sustentou os gregos como povo forte e capaz de assumir corajosamente sua existência, ou seja, uma formação compreendida como única possibilidade do humano ao cultivo de si mesmo, o que pressupunha uma constante busca do “tornar-se o que se é”. Uma formação compreendida por Nietzsche como “*Bildung*”.

Nietzsche é claro diante das problemáticas da educação alemã, o que se atesta no prefácio de “Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino”, em que fala

[...] não temos o direito de silenciar sobre o fato de que muitos pressupostos de nossos métodos educacionais modernos levam consigo o caráter do não-natural e que as mais graves fraquezas do nosso tempo estão justamente ligadas a estes métodos antinaturais de educação (NIETZSCHE, 2011b, p. 52).

Ora, Nietzsche está expressando sua preocupação pela maneira como a própria formação dos estudantes era conduzida, sobretudo por uma cultura distante da pretensão de formar homens superiores, fortes, destacados da

grande massa. Para ele, a cultura alemã do século XIX, influenciada por outras duas tendências que, ligadas àquelas do cientificismo e da erudição, comprometiam séria e muito particularmente o modo de se fazer educação. Escreve Nietzsche:

[...] duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas no seu efeito e finalmente unidas nos seus resultados dominam hoje nossos estabelecimentos de ensino, originalmente fundadas em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de *estender tanto quanto possível a cultura*, por outro lado, a tendência de *reduzi-la e enfraquecê-la* (NIETZSCHE, 2011b, p. 53).

A primeira tendência, identificada por uma pretensa máxima à extensão da cultura, buscava atingir a maior quantidade de indivíduos possível. Segundo Weber, esta primeira tendência está ligada “aos movimentos de liberação das esferas privadas e da incorporação dos direitos dos indivíduos de acesso àquilo que era chamado de ‘cultura superior’” (WEBER, 2011, p. 132), o que caracterizava a possibilidade de todos à obtenção da cultura.

Por isso mesmo o ginásio tinha como tarefa possibilitar a todos o acesso aos bens culturais, tanto como criadores quanto receptores desses bens. Já a segunda tendência, caracterizada por uma redução da cultura, era tendenciosamente conduzida ao abandono de suas pretensões para se submeter às ordens e ao fortalecimento do Estado. Perante este tipo de tendência cultural, segundo as constatações de Weber

Os ginásios, as escolas tornam-se espaço de formação de burocratas e funcionários que desempenharão funções no quadro da administração do Estado. Aqui, o dogma que reina é o do Estado, entendido como princípio e fim (WEBER, 2011, p. 132).

O que de imediato constatou Nietzsche diante da tendência dilacerante à extensão e ampliação da cultura foi o aumento dos estabelecimentos de ensino, cuja intenção seria atender às exigências do mercado para a formação da mera produtividade. Por outro lado, a tendência a uma redução da cultura estava interessada na formação do indivíduo como simples “instrumento útil e funcional, isto é, a cultura dos especialistas que obedece convenientemente a uma

certa divisão do trabalho nas ciências [...]” (SOBRINHO, 2011a, p. 14.) Neste sentido, ainda segundo Sobrinho, a crítica imposta por Nietzsche é radical, pois,

[...] a cultura não pode se reproduzir e crescer quando a educação está orientada para uma profissão, uma carreira, uma função, um cargo, quando é movida pelo ‘espírito utilitário’, quando é verificada através de exames obrigatórios e integradores, quando é extensiva e universalizada; mas esta é, no entanto, a verdadeira face da cultura da modernidade tardia vivida na Alemanha, tal como ele a via (SOBRINHO, 2011a, p. 14).

A grande preocupação de Nietzsche era com uma formação (*Bildung*) para a cultura (*Kultur*) o que significava que qualquer concretização em vista desta atividade formativa que pretendesse a elevação cultural deveria necessariamente considerar aquela atividade de autoformação para o fortalecimento humano como momento único, por isso privilegiado, para a crítica, reflexão e transformação cultural.

Assim, o que efetivamente seria capaz de concretizar uma mudança radical da cultura e de suas tendências neste processo de destruição/criação seria a própria vivência nas instituições de ensino, mas, sobretudo na própria vida e por toda ela, a partir de uma formação (*Bildung*) que resgatara dos gregos aquela noção de aprofundamento do homem, num movimento do “em si, a partir de si e para si”.

Ora, para Nietzsche seria a “*Bildung*” a única atividade capaz de formar um tipo superior de homem, cujo objetivo era transformar radicalmente sua cultura, no seu sentido mais positivo. No entanto, toda instituição de ensino, mas muito particularmente o ginásio, precisava ser questionada quanto ao seu verdadeiro papel na formação para uma cultura sadia, livre das “amarras” impostas pelo Estado. Segundo (WEBER, 2011, p. 133) “esse é o questionamento central a todas as reflexões do velho filósofo nas conferências de Nietzsche”.⁶

6 Sob o aspecto particular das Cinco Conferências proferidas por Nietzsche e reunidas sob o título “Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino”, José Fernandes Weber didaticamente esclarece as pretensões do filósofo a estes textos e sua diferença nas pretensões do texto de “Schopenhauer Educador”. Em relação a ambos os textos, “Não se pode esquecer a diferença de contexto: enquanto nas conferências Nietzsche refere-se às instituições, no texto sobre Schopenhauer ele se refere ao grande crítico da burocracia institucional” (WEBER, 2011, p. 160). Tal distinção torna-se extremamente relevante, tendo em vista que este trabalho de pesquisa utiliza-se destes dois escritos nietzschianos como uma de suas bases argumentativas.

Posicionado contra as tendências de uma aspiração profissional e científica, Nietzsche identificara nas escolas alemãs do século XIX um grande abismo entre o que deveria ser o verdadeiro processo educativo com o que de fato o era. Não era função do ginásio formar especialistas nem tão pouco estar vinculado à ciência, sobretudo porque a formação direcionada à especialidade e à cientificidade pretendiam indivíduos utilitários, distantes de pensar a educação como possibilidade de (re) construção da verdadeira cultura (*Kultur*), visto que:

[...] a cultura também pode ser outra coisa do que *decoração da vida*... assim se lhe desvendará o conceito grego de cultura... uma *physis* nova e aprimorada, sem dentro sem fora, sem dissimulação e convenção, como uma unanimidade entre vida, pensamento, aparência e querer (NIETZSCHE, 2003, p. 99).

De imediato, constatou Nietzsche que, “tanto no caso da profissionalização quanto no caso da ciência, a formação (*Bildung*) sempre é um elemento secundário, pretexto para algo maior” (WEBER, 2011, p. 134). Ora, o ideal de Formação fora colocado à margem dos maiores projetos da ciência e do Estado que, muito particularmente, pretendia um tipo de formação sempre mais distante das questões vitais, privilegiando a mera produtividade e garantindo assim o domínio ao adestramento de um tipo de homem considerado por Nietzsche como fraco e dependente, por isso mesmo incapaz de pensar e perceber a si mesmo em qualquer situação dilacerante. Nietzsche empreendeu uma crítica a estas tendências identificadas por ele como “cultura erudita”,

[...] que tem nas especializações das ciências [...] a sua expressão mais acabada, acusando-a de trazer como consequência o enfraquecimento do organismo, ou seja, a redução da disponibilidade anímica, e também por abalar e destruir uma cultura autêntica, como é a ‘cultura clássica’, que tem nas artes suas formas de expressão mais típicas (COLLI;MONTINARI, 1975, I. 1, 3[44]209, *apud* SOBRINHO, 2011a, p. 26).

No mais, é interessante notar que Nietzsche compreendia por ciência não apenas atividades exercidas pelo cientista. É muito mais profundo: “ciência era sinônimo de consideração racional do mundo”⁷, o que, segundo ele, pôde

7 WEBER, 2011, p. 118.

ser atestado na atuação de Sócrates, que com seu racionalismo significou um contramovimento ao caráter mitológico da Grécia, iniciando assim o distanciamento do ideal da tragédia e, portanto, destruindo o espírito da música.⁸ Segundo o filósofo alemão,

[...] enquanto se entenda essencialmente como cultura o progresso da ciência, ela passará impiedosa e congelada diante do grande homem que sofre, porque a ciência só vê em todo lugar os problemas do conhecimento, e porque, a bem da verdade, no seu mundo, o sofrimento é algo de deslocado e de incompreensível, e neste caso é, no máximo, apenas um problema (NIETZSCHE, 2011b, p. 223).

Nesse caso, o fundamental para Nietzsche em relação a este espírito cientifista, presente também nas instituições educacionais, era justamente contrapor-se ao ideal “[...] que sustenta-se numa decidida recusa da permanência de espaços ou dimensões da existência não sujeitas ao conhecimento” (WEBER, 2011, p. 118), visto que o processo formativo, na pretensão da ciência, não diz respeito ao surgimento de uma cultura superior, mas simples justificativa para a consolidação de seus conhecimentos particulares.

Entretanto, conforme pensara Nietzsche, ainda que fosse tarefa primaz do ginásio formar para a cultura, o que representava um distanciamento às pretensões da ciência, bem como das escolas de formação de especialistas, em momento algum negou a relevância desta última, muito menos anunciou a necessidade de seu desaparecimento. Segundo escreve Nietzsche

[...] não vão com isso crer, meus amigos, que eu quero mitigar os elogios às nossas escolas técnicas e às nossas escolas primárias importantes: eu honro os lugares onde se aprende a calcular adequadamente, onde se domina a língua... Estou inclinado a concordar de bom grado com o fato de que os estudantes que se instruem nas melhores escolas técnicas de nossa época estão perfeitamente autorizados a ter os mesmos direitos que se tem o costume de atribuir aos alunos dos ginásios no final dos seus estudos [...] (NIETZSCHE, 2011b, p. 123-124).

8 A respeito da crítica de Nietzsche ao racionalismo socrático, conferir WEBER, José Fernandes. “Teoria Nietzscheana da Tragédia”. São Paulo: Trans/Form/Ação, 2007, p. 205-223.

A Hipótese da Formação (*bildung*) como pressuposto à tarefa de “tornar-se o que se é”
.....

O problema que se apresentou no horizonte investigativo de Nietzsche foi justamente o não reconhecimento de certas instituições como escolas de formação (*Bildung*) para a cultura (*Kultur*), quando então constata tal situação ao afirmar:

[...] se é verdade que a técnica e o ginásio, nos seus fins atuais, são em tudo tão semelhantes... de modo que podem contar com um tratamento igual diante do fórum do Estado – isto ocorre porque nos falta completamente um certo tipo de estabelecimento de ensino: o estabelecimento da cultura! (NIETZSCHE, 2011b, p. 124).

Ora, as escolas técnicas não estavam preocupadas na formação para a cultura, mas com a formação de especialistas. Neste caso, Nietzsche possibilitou uma visão mais profunda diante das intenções educacionais dos estabelecimentos de ensino que, voltadas à técnica e ao mercado, negavam toda e qualquer necessidade de uma formação que estivesse preocupada com a vida.

Assim, ao mesmo tempo em que suas abordagens constatarem o problema da falta de um tipo de estabelecimento de ensino que de fato formasse para a cultura, Nietzsche também identificara certo tipo de homem reconhecido por ele como fraco e desnecessário, porém, fundamentalmente perigoso para a cultura vigente. Um tipo de homem denominado como “filisteu da cultura” (*Bildungsphilister*) ou “homem de rebanho” (WEBER, 2011, p. 126), um tipo que, para Nietzsche, estava intrinsecamente ligado à decadência cultural da Alemanha do século XIX.

Segundo escreve Nietzsche acerca do significado de “filisteu da cultura”: “O vocábulo ‘filisteu’ está tomado, como é sabido, da vida estudantil e em seu sentido mais amplo, bem que inteiramente popular, designa a antítese do filho das Musas, do artista, do autêntico homem de cultura”. (NIETZSCHE, 2006, p. 35.)⁹ Para o filósofo, este tipo de homem, contraditório culturalmente, afetava muito profundamente o processo da formação, sobretudo porque, além de pretender o aparecimento de homens iguais a si, este tipo era formado no próprio processo educativo. E Nesse caso, atesta Nietzsche,

⁹ Este trecho está originalmente escrito em Espanhol e foi traduzido pela professora habilitada Bianca Jácome Brito. Cf. segundo capítulo da *primeira consideração intempestiva*, ali onde Nietzsche escreve: “El vocablo ‘filisteo’ está tomado, como es sabido, de la vida estudiantil y em su sentido lato, bien que enteramente popular, designa la antítesis del hijo de las Musas, del artista, del auténtico hobre de cultura”.

[...] a educação da juventude alemã parte justamente deste conceito falso e infrutífero: sua meta, pensada como pura e elevada, não é de maneira alguma o homem culto livre, mas o erudito, o homem de ciência, e, em verdade, o homem de ciência, o mais rapidamente útil, que se separa da vida a fim de reconhecê-la clara e distintamente; seu resultado, visto de modo empírico-comum, é o filisteu da cultura histórico-estética, o tagarela precoce e sabichão que não para de falar sobre o Estado, a igreja e a arte [...] (NIETZSCHE, 2003, p. 91).

O filisteu da cultura seria aquele tipo de homem que promovia toda espécie de barbárie à cultura; aquele que, criado pela própria educação, se infiltrava nos meios acadêmicos causando uma epidemia cultural. Um tipo insistentemente combatido por Nietzsche, que em suas conferências críticas de 1872, reunidas com o título “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”, aparece como aquele que “[...] tenta defender o ideal da personalidade evoluída contra a mera instrumentalização econômica e política da formação da personalidade, que com isso se degrada, a seus olhos, em mera informação?”. (SAFRANSKI, 2005, p. 61.)

Decorrente de uma atitude desinteressada deste homem erudito perante as questões da educação, Nietzsche contrapõe suas ações ao constatar que sua mentira, “[...] consiste em fazer crer a seus alunos que a especialidade do seu conhecimento deve ser soberana e submeter todas as outras, que o conhecimento específico deve submeter a vida e a filosofia?”. (SOBRINHO, 2011a, p. 39.) Para o filósofo alemão, o filisteu da cultura tinha por intenção e meta:

[...] se tornar bom cidadão, um erudito ou comerciante, isto é, aquele que vê a educação e a cultura como mercadorias que se adquire e toma posse, mercadorias que podem ser vendidas para o maior número possível de pessoas. (FREZZATTI, 2008, p. 42.)

Não obstante o combate à ação do filisteu da cultura, Nietzsche enfrentou também todos aqueles estabelecimentos de ensino voltados à mera formação de especialistas que, colocando-se como algo totalmente distante da formação (*Bildung*) para a cultura (*Kultur*), agiam a partir da perspectiva de uma educação como mercadoria, rebaixando-a como simples meio em vista de algo considerado mais importante, pois lucrativo.

Fatalmente, “o sistema do mercado é distinto do sistema da cultura” (WEBER, 2011, p. 135), porém, a modernidade, já enraizada naquele primeiro

sistema, e somente nele, abandonara o espírito da auto formação e cultivo de si. Ou seja, aquele espírito grego trágico-dionísíaco em assumir a vida como trágica e não como passividade e serenidade cujo ideal fora retirado da figura de Apolo, perdia-se gradativamente na medida em que as instituições de ensino eram transformadas por forças externas, em seu sentido mais negativo, impedidas assim de agirem para a consolidação de uma formação enraizada no mesmo espírito formativo dos clássicos, qual seja, a atividade de “tornar-se aquilo que se é”.

Conforme o pensamento nietzschiano, os estabelecimentos de ensino de sua época agiam como meros transmissores de conhecimento, distantes de uma educação que formava para a superioridade, para o surgimento de um tipo de homem forte, capaz de assumir o sentido de sua existência, sem precisar buscar fora de si mesmo a sua razão de existir. Neste caso, conforme o filósofo alemão, “[...] o enigma que o homem deve resolver, ele não pode resolvê-lo senão a partir do ser, no ser assim e não outra coisa, no imperecível” (NIETZSCHE, 2011c, p. 203), o que justifica sua crítica às instituições que uniformizavam seus alunos tornando-os incapazes senão de submeterem-se eficazmente às vontades do Estado e de suas pretensões mercadológicas. Agindo assim,

[...] a pedagogia moderna nestes estabelecimentos era então um misto de erudição e futilidade, de cientificismo e jornalismo; ela ajudava a formar tão somente os ‘servidores do momento’, mas não concorria absolutamente para formar os homens exigidos por uma cultura elevada, como protagonistas de um destino superior (SOBRINHO, 2011a, p. 16).

Para Nietzsche, as intenções dos estabelecimentos de ensino eram as mais claras possíveis: formar as massas, tornando útil ao serviço do Estado o maior número de pessoas, justificando assim aquela tendência à extensão da cultura, que pretendia um número sempre maior de escolas na preparação de especialistas. Todavia, em contraposição a tendências sutilmente aniquiladoras, Nietzsche anunciara a necessidade de uma nova educação voltada para a formação de um tipo de homem que não o de rebanho, neste caso, um tipo diferente da grande multidão, capaz de auto cultivar-se e para isto buscar sua autonomia; um tipo cujo ideal seria o contra movimento a todas as tendências e pretensões destrutivas da cultura, tanto no âmbito político quanto no educacional, qual seja, um tipo de homem identificado como superior, destacado, possível

apenas pelas emergentes transformações culturais, o que pressupunha radicais modificações de uma educação já seriamente enfraquecida.

Conforme a crítica de Nietzsche:

Trata-se aqui de instituições que se propõem superar as necessidades da vida; assim, portanto, podem prometer formar funcionários, comerciantes, oficiais, atacadistas, agrônomos, médicos ou técnicos. Nestas instituições, se aplicam, em todo o caso, leis diferentes e medidas diferentes daquelas que permitem fundar estabelecimentos para a cultura [...] (NIETZSCHE, 2011b, p. 122).

A necessária criação de uma cultura superior teria seu significado, sobretudo, numa cultura entrelaçada ao cultivo da Filosofia. Neste caso, imbuído do pensamento schopenhauriano, segundo o qual “o filósofo caracteriza-se por uma independência plena, por não respeitar nenhuma autoridade, senão a do pensamento” (WEBER, 2011, P. 127), Nietzsche fará crer que a reflexão filosófica conduziria a cultura ao surgimento de indivíduos destacados. Neste caso,

[...] uma cultura superior, que é sobretudo a cultura filosófica, é uma dádiva que a natureza reserva somente para um pequeno número de indivíduos excepcionais; portanto, não se pode pretender que as grandes massas estejam em condições de adquiri-la, pois o espírito da cultura autêntica tem um ‘natureza aristocrática’ (SOBRINHO, 2011a, p. 18).

Para a concretização desta cultura superior, Nietzsche conclama a intensificação do indivíduo como “*Unicum*”, identificada pelo filósofo como “gênio”, figura intrínseca ao projeto de destruição/construção da cultura. Um tipo que não se conformaria com as tendências culturais da modernidade, pois buscaria, conforme atesta Sobrinho, “[...] uma cultura que está para além do mundo da carência e das necessidades, uma cultura que quer enfim ‘libertar o homem moderno da maldição da modernidade’, quer dizer, da sua mediocridade vitoriosa” (SOBRINHO, 2011a, p. 18).

Enfim, a partir de todas estas constatações, é possível concluir que a consolidação da “*Bildung*”, aquilo que Nietzsche identificara como a mais autêntica formação para uma cultura (*Kultur*) elevada, pressupõe alguns movimentos que necessariamente precisariam desmistificar os ideais das instituições de ensino,

cuja finalidade era atender aos interesses do Estado em apenas formar as massas para uma utilidade lucrativa, transformando também essas instituições em meros produtos utilitários. E precisariam, além disso, contrapor o caráter científico da modernidade, justamente pelo fato de ser a ciência “útil apenas a si mesma” (NIETZSCHE, 2011b, p. 223).

Assim, a partir daquela formação (*Bildung*), cujo sentido mais originário estava ligado àquilo que os antigos vivenciaram como processo formativo, a grande tarefa era pretender o surgimento do gênio diante de uma (re) construção cultural, o que impreterivelmente deveria caminhar para a criação de uma cultura elevada, algo que em Nietzsche, não aponta senão para a “educação das elites” (FREZZATI, 2008, p. 40), em detrimento de uma formação das massas. Neste caso, ainda que sob forte desconfiança e acusações de alguns, seria esta a única possibilidade para a formação do gênio.

Frente à situação cultural dilacerante da Alemanha, como seria possível o abandono de um tipo de homem considerado fraco e incapaz de qualquer mudança positiva à cultura, em vista de um tipo considerado por Nietzsche superior? Segundo o filósofo, a gênese do homem superior estaria ligada, de imediato, àquela necessidade, iniciada com os gregos, de assumir primeiramente a existência, e esta enquanto trágica.

Neste caso, faltava à Alemanha, em todos os seus aspectos e em suas instituições, e muito fortemente aos estabelecimentos de ensino, esta aproximação ao espírito grego, mais estritamente ao que diz respeito àquela atividade de “tornar-se o que se é”; essa autêntica formação (*Bildung*) para a construção de uma cultura sadia, precursora do homem superior, algo que na Alemanha seria possível somente a partir de mudanças radicais contra uma educação antinatural, que tinha como principal representante o filisteu da cultura.

Para romper com o ideal da falsa educação erudita, seria então necessário seguir, “antes de tudo destruindo uma superstição, a da crença na *necessidade* desta operação educacional”. (NIETZSCHE, 2003, p. 91.) De acordo com Nietzsche, nas instituições de ensino alemãs não se encontrava o princípio de autoridade, base para a consolidação de duas tarefas primordiais: a formação para a cultura através do correto estudo da língua e a formação que possibilitava o surgimento de personalidades autênticas¹⁰.

10 WEBER, 2011, p. 136.

No entanto, como entender este princípio de autoridade, fundamental às instituições de ensino enquanto possibilidade para a formação da personalidade autêntica, assim como para o autêntico estudo da língua? Para Nietzsche, o jovem estudante, sobretudo o ginásiano, ao cultivar sua autenticidade, deveria obedecer e não agir sob o princípio de autonomia, pois se assim fosse, estaria livre para decidir-se autônomo academicamente e, justamente por isso:

[...] recusar toda credibilidade e toda autoridade àquilo que ouve, nesse caso, toda a educação e toda a cultura, estritamente falando, só compete a ele, e a autonomia buscada através do ginásio se revela agora com um extremo orgulho, sob as formas de uma autoeducação acadêmica da cultura, e se enfeita com as suas plumas mais brilhantes... A cultura aprendida no ginásio passa, como um todo realizado e com pretensões de liberdade de opção, pelas portas da Universidade... Assim, não alimentem ilusões sobre o estudante culto: pois ele é apenas ainda, na medida em que acredita ter recebido a consagração da cultura, um aluno do ginásio formado pelas mãos dos seus mestres... e mesmo depois de ter deixado o ginásio, ele fica privado de toda formação ou de toda direção ulterior que o levaria à cultura, para assim viver por si mesmo e ser livre (NIETZSCHE, 2011b, p. 147-148).

Já com relação à importância da língua materna, “aquele que não chega ao sentimento de um dever sagrado para com ela, este não tem em si o germe que convém a uma cultura superior”. (NIETZSCHE, 2011b, p. 81.) Ao estudante do ginásio não caberia senão hábito à obediência e ao estudo da língua. Tal obediência deveria ser primeiramente ao mestre, e por seu intermédio, aos grandes artistas da cultura clássica.¹¹ Nietzsche é enfático ao dizer que, “[...] ao ginásio falta até agora o primeiro objeto de estudo, o mais simples, com a qual começa uma verdadeira cultura, a língua materna”. (NIETZSCHE, 2011b, p. 89.)

Para Nietzsche, houve uma inversão de significado no ensino e uso da língua, sobretudo porque seu principal objetivo, que era a formação para a cultura, fora deixada de lado em troca de uma formação jornalística.

Diante desta tendência jornalística da língua, extremamente prejudicial à cultura,

11 WEBER, 2011, p. 136.

[...] Nietzsche acreditava ser necessário levar adiante uma luta contra o seu tempo, uma luta contra a futilidade da linguagem rápida, repleta de lugares comuns e de frases vazias de conteúdo... propositalmente fabricado para impressionar [...] (WEBER, 2011, p. 138).

Com suas duras críticas ao rebaixamento e ao enfraquecimento da língua pela cultura jornalística, Nietzsche, na voz do velho filósofo e grande arauto das conferências proferidas na Basileia, deixou claro que lidar com as questões da língua era um trabalho sempre muito árduo e deveras cansativo, sobretudo porque “[...] é na consciência das possibilidades e limites da língua materna que uma cultura revela seu devir rumo ao tornar-se o que se é” (WEBER, 2011, p. 140), o que abriria caminho para reconhecer então o ginásio como contra movimento ao filisteu da cultura. Neste caso, um lugar privilegiado ao cultivo de personalidades autênticas.

De acordo com o velho filósofo, o jovem ginásiano facilmente era levado à enganosa capacidade de viver autonomamente sob a consequência de se crer livre em participar ou não da cultura. Ou ainda, “[...] ser afetado pela autossatisfação narcísica da criação [...]” (WEBER, 2011, p. 136), o que poderia acarretar a este estudante a audácia de querer comparar alguma obra sua com a de grandes artistas.

A preocupação de Nietzsche diante desse excesso de liberdade estudantil frente às grandes obras era justamente “[...] que não se vulgarize aquilo que é grande, que não se rebaixe Schiller ao nível de um ginásiano iniciante... Enfim, que não se confunda promessa e pretensão pueril com a obra do gênio em ato, com a obra acabada” (WEBER, 2011, p. 137).

Notadamente a intenção do filósofo alemão não era tolher o jovem de suas iniciativas, mas fazê-lo perceber que a arte era um grande instrumento transformador da cultura, e não deveria ser utilizada para fins de autossatisfação egoísta nem tão pouco de conformismo cultural, pois deste modo ele caminhava para se tornar mais um na grande massa, destituindo também a arte como única justificação da vida em favor de uma simples preocupação estudantil de autopromoção.

Dois são os textos no qual Nietzsche desenvolveu o tema da formação da personalidade autêntica, representada pela figura do gênio.¹² Para Nietzsche, o

12 Conforme atesta Weber em “Formação (*Bildung*), educação e experimentação em Nietzsche”, foi primeiramente nos escritos das conferências, sobretudo na quarta conferência, que

gênio carrega consigo algumas particularidades, dentre as quais a capacidade de se impor perante épocas e situações. Entretanto, esta atividade no empenho de uma autoimposição era demasiado árdua e penosa, motivo pelo qual, segundo o filósofo alemão, no caminho do “tornar-se o que se é” muitos terminam por desviar-se dele.

No pensamento crítico de Nietzsche, a sociedade e o gênio mantêm uma falsa relação, visto que “[...] ela o toma como objeto de autossatisfação e consumo, jamais considerando o que estava em jogo com a sua vida e sua obra [...]” (WEBER, 2011, p. 142). Assim, desta relação conflituosa entre gênio e sociedade, Nietzsche percebera a necessidade de uma instituição que preservasse essa personalidade autêntica ainda no processo de formação. Este tipo destacado de homem, atesta Nietzsche, não é formado espontaneamente pela natureza, mas necessita de constante atenção e cultivo para não sucumbir.

Tais constatações não deixam dúvida: há uma necessidade de destituir, tanto quanto possível, discursos *universalizantes*, cujo objetivo era tornar todos iguais. O que pretendeu Nietzsche não era tornar alguns poucos da sociedade mais dignos e com direitos superiores em detrimento e exclusão de grande parcela da população. No entanto, conforme escreve Weber,

[...] se perguntássemos – pensa Nietzsche – às pessoas sobre o que elas mais desejariam, se ter acesso à cultura elevada – que somente promete dificuldades e não dá nenhuma garantia de sucesso na empreitada, sem reconhecimento do grande público, em vida, podendo inclusive o grande autor passar miseravelmente seus dias – ou ter uma vida em que suas necessidades materiais estariam resolvidas ao abrigo da coletividade, obviamente optariam pela segunda alternativa. E fariam bem. Por qual razão então deveria se submeter a cultura às necessidades e reclames da coletividade, ávida por fazer da cultura uma ocupação, implicando com isso uma vulgarização das suas exigências? (WEBER, 2011, p. 143).

Ora, está mais do que claro qual seja a intenção da grande massa em relação à cultura: um comodismo cultural, onde se pudesse desfrutar de todos os gozos sem qualquer esforço; a busca pela garantia de uma vida despreocupada e bem sucedida. Todavia, para frear esta situação de ruína, Nietzsche anunciara

Nietzsche expressou a necessidade de escolas para o surgimento do gênio. Em um segundo momento, a partir do texto “Schopenhauer Educador”, onde deixou de refletir acerca da necessidade de instituições de ensino como o ginásio ou a universidade, na intenção de mostrar Schopenhauer como o grande exemplo para a formação da personalidade autêntica.

a necessidade de uma aristocracia do espírito, formadora da verdadeira cultura, contudo, não mais pela via institucional e burocrática dos estabelecimentos de ensino, mas através de Schopenhauer – ao menos em seus escritos de juventude – o grande mestre e representante dessa cultura aristocrática, formadora do gênio.

Neste sentido, faz-se necessário a continuidade da abordagem de Nietzsche diante das questões do gênio e da concepção daquilo que considera como verdadeiro pressuposto educacional. Com Schopenhauer, Nietzsche irá abandonar as pretensões da Formação (*Bildung*) como tarefa dos estabelecimentos de ensino, assumindo-a na própria possibilidade do homem formar a si mesmo.

Com essa perspectiva, este capítulo procurou desenvolver o que Nietzsche considerava, especificamente em seus escritos de juventude, como central para a educação, a saber, tomar para si a tarefa de mostrar ao homem o caminho para a “*Bildung*”, ou seja, para o “tornar-se aquilo que se é”. Mas qual o significado deste “aquilo que se é”? A resposta Nietzsche encontra nos gregos, na certeza de que eles repousaram seu espírito naquilo em que a tragédia trazia de mais autêntica.

Neste caso, a educação deveria formar e conduzir o homem ao reconhecimento de si, o que representa a necessidade em assumir a si mesmo para compreender o humano em todos os seus sentidos, sempre enquanto possibilidade de abertura.

REFERÊNCIAS

FREZZATI Jr., Wilson Antônio. **Nietzsche Filosofia e Educação**. Organizadora: Vânia Dutra de Azeredo. **Educação e Cultura em Nietzsche: o duro caminho para “torna-se o que se é”**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. P 39-65.

GIACOIA Jr., Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000.

JAERGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Considerações intempestivas, 1**. Tradução: Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

_____. **Escritos sobre Política**. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **Escritos Sobre Educação**. Traduzido por Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5ª Ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011a.

_____. **Escritos Sobre Educação (Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino)**. Traduzido por Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5ª Ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011b.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**. Tradução: Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

VIESENTEINER, Jorge L. **O homem como somatória unitária de Erlebnisse em Nietzsche**. In: Filosofia e Educação, v.5, n.2, 2013 (no prelo).

_____. **Sobre a hipótese da educação como autoformação em Nietzsche**. In: MARTINS, Marcos F; PEREIRA, Ascísio. Filosofia e educação: ensaios sobre autores clássicos. São Paulo: EdUFSCar, 2013 (no prelo).

WEBER, José Fernandes. **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche**. Londrina: Eduel, 2011.